

Título do trabalho: DUBLING: um ano, um dia e algumas inconfidências conjugadas

Nome completo: Elida Starosta Tesssler

Titulação acadêmica máxima: Pós-Doutorado

Instituição onde trabalha e a atividade que exerce: Instituto de Artes UFRGS. Professora e pesquisadora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais

Endereço completo para correspondência: Rua Fernandes Vieira 474/32 – 90035-090

Telefone e e-mail para contato: 51-33119827 // elidatessler@uol.com.br

Apontar (caso necessário) a origem do trabalho, a vinculação a outros projetos, a obtenção de auxílio para a realização do projeto e quaisquer outros dados relativos à produção do material: este texto foi produzido a partir da experiência de realização da instalação DUBLING, projeto concebido selecionado para receber o prêmio “Grants & Comissions Program” da CIFO – Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, onde participou da exposição coletiva IN TRANSITION em 2010. Este trabalho é vinculado à pesquisa PARTE ESCRITA: TEXTOS DE ARTISTAS E A PRESENÇA DA PALAVRA EM PRODUÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM ARTE (Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq).

Palavras-chave: arte e literatura ; processos de criação artística ; James Joyce

DUBLING: UM ANO, UM DIA E ALGUMAS INCONFIDÊNCIAS CONJUGADAS

Resumo: Este texto relata o processo de concepção de um trabalho que incorpora a experiência de leitura do romance *Ulisses* de James Joyce, naquilo que ele propõe como circularidade de idéias e invenção de linguagem. A noção de fluxo passa do universo da literatura para o campo das artes visuais, associando palavras, imagens e objetos do cotidiano em sua apresentação final. Toma-se como ponto de partida alguns documentos de processo, tais como as anotações realizadas e arquivos com materiais colecionados durante o período de realização da obra. O caráter confessional do texto aposta no valor do testemunho e no diálogo com o leitor, tecendo relações que incluem elementos da arte e da literatura.

Palavras-chave: arte e literatura ; processos de criação artística ; James Joyce

DUBLING é um trabalho que nasce assumindo a potência de um verbo no gerúndio. ¹A ação de caminhar pelas vias de uma cidade lendo em voz alta, quando as ruas por onde se passa são o próprio cenário das páginas do livro, eis a vertigem propulsora de um processo de criação. Neste relato, informações vazam como transbordamento da experiência, naquilo que ela tem de fluido e vaporoso. O caráter confidente do texto aposta no valor do testemunho e no diálogo com o leitor, tecendo conversas que incluem elementos da arte e da literatura.

(imagem 1)

Um livro: *Ulisses* de James Joyce

A ideia do trabalho *Dubling* surgiu em silêncio, durante uma caminhada na cidade de Dublin, quando resolvi visitar o *James Joyce Center*. Sempre quis ler *Ulisses*. Já havia comprado o livro com a tradução para o português ² mas nunca passava das dez

primeiras páginas em minhas tentativas de imersão nesta literatura alucinante. Sem atravessar os primeiros capítulos, saltava diretamente para o terceiro, onde encontramos o parágrafo trabalhado por Didi-Huberman em seu ensaio *O que vemos, o que nos olha*, quando a inelutável modalidade do visível é evocada. Como reagir a uma proposição que, em sua última frase, nos orienta: “*Feche os olhos e veja.*”³? (DIDI-HUBERMAN, 1998). Talvez *Dubling* tenha sido a minha maneira de fechar os olhos por um longo período, para passar pela experiência do inelutável e pela busca de uma modalidade através da qual eu pudesse recriar o jogo entre o ver e o ler. A partir do momento em que me deixei levar pelo fluxo das palavras e das imagens contidas no livro, pude perceber que era o próprio *Ulisses* quem passava a viver em meus olhos, e dali mesmo, me via no limite do diáfano.

Um ano. Esta é a demarcação temporal previamente estabelecida por mim para ler *Ulisses*, levando em consideração o fato de que, habitualmente, crio algumas regras ao iniciar um trabalho. Neste caso, a primeira delas foi definida no ato da compra de meu exemplar no dia 1º de julho de 2008. Por diversas razões, aquele dia era importante, mas a principal: Sofia, minha filha mais velha, completava 15 anos, e por sua decisão, tinha ficado em Porto Alegre junto com sua irmã Alice enquanto eu e meu marido estávamos visitando a Irlanda pela primeira vez. Tínhamos um congresso do qual participávamos na cidade de Limerick⁴ mas optamos por conhecer Dublin nos dias precedentes. Meu desejo era o de percorrer as ruas de Dublin antes de entrar nas páginas de Joyce. Já havia lido “*Retrato do artista quando jovem*”⁵ e sabia que o desenho urbano da capital irlandesa definia, de certa forma, o enredo do romance *Ulisses*. Dublin foi a cidade-cenário de *Ulisses*.

Pois aquele seria o primeiro aniversário em que eu não estaria perto de Sofia, e decidi criar uma espécie de abraço à distância, que pudesse durar até o próximo ano. Que outro procedimento me permitiria praticar a intuição do instante associada à dialética da duração? O tema da passagem do tempo está aqui presente, bem como em toda série de meus trabalhos anteriores, reunidos sob o título *Falas inacabadas*, iniciada em 1993.

Pois bem, segui à risca minha determinação, mas não sem alguns ajustes. Iniciei a leitura na edição de língua inglesa, mesmo considerando o meu precário domínio em relação a este idioma. Firmei o meu propósito, tendo clara a ideia de que estava cometendo alguns erros ao sublinhar determinadas palavras com o sufixo ING, mas que

não correspondiam ao tempo verbal do gerúndio. Nestes casos, nem mesmo dicionários podem auxiliar, dada a complexidade gramatical que apresentam os adjetivos adverbiais em inglês com as mesmas três letras finais: ING . Abri mão da edição *Penguin books* e, ao chegar a Porto Alegre, adotei a tradução na língua portuguesa para dedicar-me à marcação dos verbos.

(Imagem 2)

A primeira leitura, de fato, durou um ano. Iniciou-se na cidade de Dublin e foi finalizada na cidade de Porto, em Portugal, exatamente no dia 1º de julho de 2009.⁶ Obviamente, uma só leitura não foi suficiente para familiarizar-me ao conteúdo da invenção de Joyce. Ao iniciar a transcrição dos gerúndios em um caderno, imediatamente me dei conta de alguns esquecimentos. Se durante a primeira leitura os verbos no gerúndio foram marcados com a cor roxa, já na segunda a cor laranja foi a escolhida. Usufrui muito deste novo momento, pois é um privilégio poder percorrer as páginas de *Ulisses* já tendo lido o romance uma primeira vez. Não há repetição possível: a história se refaz, os detalhes aparecem, as sutilezas das descrições se evidenciam. Espantei-me ao perceber a quantidade de verbos no gerúndio esquecidos de sublinhar. Reconheci-me integralmente naquele modo de ser distraída, aceitando meus lapsos como quem se recupera de alguns tropeços. Sem nenhum constrangimento, tomei mais alguns meses para assegurar-me da totalidade de palavras que eu utilizaria na elaboração do trabalho *Dubling*. Ao chegar à última página novamente parti para a transcrição da lista de verbos, segura de que uma nova etapa do trabalho estaria começando, aquela que me permitiria ler o romance em inglês, com as páginas dos dois livros abertas, um no idioma original e outro na versão em língua portuguesa, para uma justa comparação e quantificação dos verbos. Novos gerúndios vertiam desta leitura comparativa, como se nascessem no próprio ato da experiência de ler o texto. Fui levada a eleger uma nova cor de caneta, desta vez azul, junto com a decisão de que essa seria a última leitura na língua portuguesa para depois dedicar-me inteiramente à edição original. Deste tempo, não tenho nenhuma contabilidade temporal. Foi como se eu estivesse sedimentando uma experiência de leitura mutável. Porém, creio ter sido eu mesma que mudei a cada etapa deste trabalho. Ao ler *Ulisses* em inglês, já me sentia mais livre para usufruir os jogos de linguagens propostos pelo autor. As duas últimas etapas foram as seguintes:

- 1) comparação, página a página, dos verbos marcados nos respectivos idiomas.
- 2) revisão final realizada por uma professora de inglês.

Um dia, dezoito capítulos

Como é sabido, o romance *Ulisses* é composto por dezoito capítulos e dedica-se a nos fazer conhecer os meandros de um só dia da vida de um homem, Leopold Bloom. É o famoso dia 16 de junho de 1904, hoje comemorado em várias partes do mundo como *Bloomsday*. Mas não são verdadeiramente vinte e quatro horas da vida de um homem, Digamos que cada capítulo corresponda à uma hora: seriam dezoito. Mas três dos episódios correspondem ao mesmo horário, então teríamos quinze. O último, o conhecido monólogo de Molly Bloom, não tem uma definição exata do horário. Ora, que sejam quatorze horas da vida de um homem, e que nos trazem a dimensão real de um tempo sombrio do início do século XX, durante e logo depois de uma guerra que consumiu muitas almas e cabeças pensantes. Joyce reage a tudo isso com muito humor, perspicácia e otimismo.

Por curiosidade, gostaria ainda de mencionar uma coincidência, com a qual só vim a tomar contato durante a leitura do romance, já longe da cidade de Dublin. Trata-se da informação de que a filha do casal Leopold e Molly Bloom estaria completando 15 anos no dia 15 de junho de 1904, e este seria o primeiro aniversário de Milly longe dos pais, com a diferença de que ela é que tinha ido viajar e deixado os pais em casa.

Uma ideia, uma odisséia

Pois bem, nem sempre sabemos o rumo que pode tomar uma ideia. Naquele dia 1º de julho de 2008, efetivei minha inscrição no grupo que iria realizar uma visita guiada pelas ruas de Dublin por onde James Joyce caminhava, pontuando endereços e marcos urbanos essenciais para a construção de seu romance. Nosso guia nos fazia parar em determinadas esquinas, pontes ou portas, onde ele lia em voz alta as passagens do livro referentes aos pontos indicados. Eu, com pouco domínio em relação ao idioma, acrescentei o visual ao textual, prestando muita atenção à forma como era realizada a leitura e nos elementos que faziam parte do entorno. Meu pensamento acelerado foi

criando um ritmo onde as ações tornavam-se evidentes: ele está lendo, nós estamos caminhando, o carro está passando, agora está chovendo... Enfim, a vida está acontecendo. O tempo verbal do gerúndio fazia-se presente a cada instante, e eis que o próprio nome da cidade surgiu como título do trabalho, assumindo a letra G no final, sem que fosse alterada a sonoridade da palavra. Este foi o marco inaugural de um trabalho que ainda nem sequer tinha sido pensado. Entre Dublin e *Dubling*, configurou-se a possibilidade de assumir um projeto que, antes de ser meu, era do próprio Joyce, quando ele diz: “*Como quer que seja, você está andando através disso. Eu estou, um passo largo de cada vez, um muito curto espaço de tempo, através muitos curtos tempos de espaço.*”.(JOYCE,2000). Dublin foi a cidade cenário de *Ulisses*, enquanto para mim ela foi se tornando o lugar onde tempo e espaço se dobravam à força da língua, em duplo idioma, ou se quisermos, em uma *dublíngua*, termo presente em *Finnegans Wake*, outro romance de Joyce, este traduzido por Donaldo Schüller, que também nos brindou com a tradução da Odisseia de Homero. Odisseia é uma palavra-chave para este trabalho, sendo leitura essencial para quem deseja ingressar na famosa jornada do dia 16 de junho de 1904, vivida por Leopold Bloom, protagonista principal de tantos acontecimentos de *Ulisses*.

Dublíngua não é somente uma língua que se dobra, que se desdobra e que escorrega para o meio-fio da linguagem, tal água da chuva procurando os bueiros urbanos para garantir o fluxo das vias e dos passeios. *Dublíngua* é um termo criado - e não traduzido - por Donaldo Schüller, quando ele se depara com “Dyoublong” no original de Joyce.⁷ Há uma espécie de sonho, ou pelo menos, uma cidade que emerge de um estado onírico, que quer deixar de ser cenário para tornar-se personagem atuante.

Dubling assume o presente acontecendo, tão bem evocado por Donaldo Schüller: *O sonho anula distâncias. Há um presente absoluto, o presente acontecendo, conjunção do passado e do futuro [...] A cidade mágica e estranha, passou pela transformação da arte. A cidade é monumento, quadro. [...] A arte costuma tornar estranho o familiar jogo de simulacros.*(SCHÜLER, 1999)⁸:

(imagem 3)

(imagem 4)

Algumas regras, 4311 gerúndios

Transformar um nome próprio em verbo no gerúndio é a intenção do trabalho *Dubling*, que reúne, também em movimento de contração, a língua inglesa e a língua portuguesa. A noção de tempo e de duração se transforma nesta proposição ao usar o tempo verbal do gerúndio em inglês justamente por sublinhar o caráter da vida acontecendo todos os dias, a todo instante, com intensidade suficiente para não adiarmos um segundo sequer as nossas mais íntimas intenções, valorizando pequenas conquistas em lugar dos grandes planos. Como diz Constantin Kavafis, em seu poema *Ítaca*:

Mas não te apresses nunca em lá chegar.

Que a viagem demore anos e anos, assim te é melhor.

Que já velho alcances tua ilha,

rico dos ganhos no percurso.

Não esperes de Ítaca régia recompensa.

Ítaca te proporcionou rota fulgurante.

Não te terias posto a caminho sem ela.

Ítaca já te deu o que tinha para te dar.

Mesmo que te saibas pobre, Ítaca não zombou de ti.

Opulento de saber e experiência,

terás compreendido o que Ítacas representam.⁹

Escolhendo o tempo verbal do gerúndio, segui à risca a indicação do poema e não apressei a viagem. Da mesma forma como ingressei na cidade de Dublin, entrei nas páginas do livro. Fui percebendo a descrição dos lugares, das pessoas, dos trajetos. Para mim, uma jornada na cidade rendeu um ano de leitura. Nos dezoito episódios, nos é

revelado um estado real das coisas muito diferente do que poderíamos imaginar. Palavras e superposições de palavras nos colocam na mesma posição que Marcel Duchamp nos indicou, também no início do século XX, quando disse “São aqueles que olham que fazem o quadro”¹⁰. Pois Joyce colocou o leitor no lugar do autor, explorando a nossa capacidade de seguir as suas associações de ideias, aparentemente alucinantes, para criar em nós um espírito de criação único.

A escolha do tempo verbal do gerúndio não foi simplesmente um acaso. O dia de nosso percurso pelas ruas de Dublin era sombrio e frio, apesar de ser pleno verão. Caminhávamos sob uma chuva fina, e confesso que o passeio não foi tão agradável quanto eu esperava. Mas a situação foi propícia para que, internamente, eu ouvisse uma cadência de verbos: caminhando, lendo, escutando, parando, chovendo, olhando, pensando, associando... criando.

(imagem 5)

Justamente por surgir durante um percurso, uma caminhada na cidade, minha proposição incluiu a premissa de somente ler o livro em cafés, intensificando o caráter urbano e coloquial do romance. Entre os detalhes da regra, encontra-se o seguinte:

- 1) Ler o livro na seqüência das páginas, mesmo consciente de que a estrutura literária assumida por Joyce permite uma leitura não linear do romance
- 2) Jamais repetir a mesma cafeteria
- 3) Anotar as páginas lidas durante o período de permanência no café
- 4) Listar, em um caderno pautado, os verbos no gerúndio encontrados durante a leitura
- 5) Guardar as notas de consumo de cada um dos lugares por mim escolhidos, pois nela ficariam registrados o nome do estabelecimento, o endereço, o horário e o que pedi para acompanhar a leitura.

(imagem 6)

(imagem 7)

Mas de fato, é esta a minha maneira de compartilhar uma experiência vivida, com todos os detalhes nela inseridos. Para quem acompanha o meu trabalho, sabe que um dos elementos fortes é a apropriação de elementos do cotidiano: chaves, pratos, vidrinhos de esmaltes, toalhas, prendedores de roupa, latas de chocolate em pó, enfim, objetos ordinários destinados ao descarte. Desta vez, enquanto *Dubling* ainda não assumia a sua forma de apresentação final, foram os deslocamentos que me ajudaram a configurar um desenho, e as notas fiscais dos cafés podem ser considerados os pontos que me ajudaram a traçar o mapa da leitura.

Garrafas, rolhas e cartões-postais

Para a concepção de *Dubling* elegi materiais que me foram sugeridos pelo próprio romance. Há uma frase essencial, situada na página 619 da edição da *Penguin Modern Classics*. Trata-se de um diálogo entre Leopold Bloom e seus amigos em um bordel. Eis a sua exclamação: “*Man and woman, Love, what is this? A cork and a bottle.*”¹¹ Neste momento, me dei conta que, na vida, tudo é uma questão de encaixe, e eis o que traz a presença de tantas rolhas, garrafas e palavras neste trabalho. Confesso que foi um desafio conciliar estes elementos e não tive nenhuma garantia do encaixe perfeito até chegar à instalação final.

(imagem 8)

Fui seguindo a dinâmica da concepção de cada elemento, dedicando-me a providenciar a compra das rolhas e a respectiva impressão a laser das palavras em cada uma delas, bem como a criação dos cartões postais. Esta etapa envolveu um retorno à cidade de Dublin, em maio deste ano, para fins de registro das imagens a serem impressas nos cartões, ou seja, somente fotografias das águas do Rio Liffey, rio que corta Dublin e atravessa todo o romance de Joyce. São 4311 cartões-postais únicos, e cada um deles apresenta uma diferente imagem-fragmento do rio.

Também é preciso lembrar que o cartão-postal é um elemento constante na narrativa joyceana. Refleti muito acerca do fato de poder estar, de certa forma, estagnando um movimento de fluxo inerente a *Ulisses* ao reunir cartões-postais, rolhas e garrafas em uma instalação em tempo e espaço definido pelo período de exposição do trabalho. O mais agravante era ainda a ideia do cartão postal ser único, sendo que o conjunto foi

colocado em um dispositivo construído especialmente para ser uma espécie de fichário de madeira, evocando as noções de arquivo e coleção. Mas seria um risco, justamente, interromper o fluxo da linguagem, tanto literária como da própria arte, ao encerrar o trabalho por aqui. Sentia a necessidade de incluir o elemento água, mas não sabia de que maneira fazê-lo. Sabe-se que o cartão-postal é um pequeno território de papel capaz de percorrer outras geografias, concentrando a experiência da viagem e o espírito provisório daquilo que é nele relatado pela escrita e pela imagem simultaneamente. Achei esta possibilidade fascinante e propus a reprodução de múltiplos exemplares de um livreto com cartões-postais, idênticos aos vendidos em importantes pontos turísticos, para colocar à venda em quiosques da cidade onde ocorreria a exposição, no caso, Miami. Desta forma, estes cartões-postais poderiam ser comprados e utilizados normalmente, refazendo a circularidade do trabalho. Os livretos são compostos por dezoito cartões-postais especialmente escolhidos correspondendo aos dezoito capítulos do romance. Cada imagem de água está acompanhada pelo último gerúndio de cada capítulo. No livreto aparece ainda uma imagem de meu exemplar de *Ulisses* aberto, reproduzindo duas páginas com gerúndios assinalados por mim. Não há um texto descritivo acerca do trabalho, apenas o que está escrito no verso de todos os cartões-postais:

Installation created from 4311 gerund words from the novel *Ulysses* by James Joyce, with 4311 postcards featuring images from the River Liffey (Dublin, Ireland), 4311 corks with printed verbs and 4311 glass bottles. Variable dimensions.

Como em todo projeto, algumas das ideias iniciais foram sendo modificadas. Eu havia pensado em imprimir as notas fiscais dos cafés em cartões-postais da mesma forma que as imagens do Rio Liffey, mas desisti. Ao perceber que o movimento do fluxo contido nas águas do rio não poderia ser interrompido por qualquer outra imagem, reservei as reproduções dos tickets dos cafés para um futuro trabalho, ainda sem forma definida, mas aproveite-os conceitualmente, naquilo que eles me oferecem como desenho de percurso, conforme mencionei acima. Tenho um caderno onde cada ticket está colado e, entre um e outro, páginas registram a transcrição dos gerúndios correspondentes ao período de leitura em cada café. Não creio que este seja um trabalho em si. Podemos considerá-lo como um documento de processo, e gosto de tê-los perto de mim a cada

vez que reflito sobre *Dubling* e uma possível dilatação do tempo ali presente. Como viver muitos dias em um só dia? Como usufruir daquilo que sobra de uma vida? Seria *Ulisses* também uma espécie de fala inacabada? O que escapa de um relato? Eis algumas das perguntas que me incitaram a produzir os cartões-postais. Pois bem, em tempos nem tão remotos, cartões-postais eram o suporte eleito para enviar notícias e compartilhar as emoções de uma viagem. Hoje, a era eletrônica suprimiu quase totalmente a materialidade deste tipo de mensagem.

Durante a leitura do romance, fui descobrindo aos poucos que, além de Dublin ser uma cidade-cenário, o Liffey era um rio –personagem. Foi a minha forma de pensar o movimento ali contido. O romance é um fluxo do inconsciente de Joyce. O rio é fluxo das águas. Poderia ser o cartão-postal o fluxo da própria linguagem da arte? Imagens entrariam em uma rede postal onde o desenho de *Dubling* estaria sendo permanentemente realizado, como em um diagrama, sem previsão de destinatários.

Foi o filósofo Jacques Derrida, em seu ensaio *Ulysse Gramophone* que me fez enxergar pela primeira vez a forte relação entre um cartão-postal e uma garrafa arrolhada com uma mensagem em seu interior atirada ao mar. Neste gesto de envio, há uma promessa de encontro, mas sem a garantia de chegada na geografia dos trajetos, que podem ser associados aos trajetos de Ulisses de Homero, de Leopold Bloom de Joyce ou os meus próprios, à procura de um lugar imaginário, sem nome, mas que pudesse acolher a minha vontade de relacionar estes dois romances a outro que eu estava lendo no momento: *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.¹² Jacques Derrida considera o romance *Ulisses* um imenso cartão-postal, já que não há um destinatário preciso. Nem sempre sabemos quem é ou quem será o nosso leitor/espectador, mas é a ele que nos dirigimos quando criamos uma obra. Cartões-postais remetem a uma circularidade, ao mesmo tempo que sugerem coleções.

A determinação em fotografar o Rio Liffey foi alimentada por dois fatores principais. O primeiro deles decorre do fato de perceber a falta de coerência em apenas reproduzir em cartões-postais inúmeras vezes as poucas imagens que eu tinha conseguido comprar em Dublin durante a primeira visita em 2008, ou mesmo tomadas de reproduções de livros ou arquivos da internet. Não encontrei sentido neste tipo de apropriação, e por mais paradoxal que seja para a lógica dos cartões-postais, decidi que cada um deveria apresentar uma imagem única, como se fosse uma fração fixada de um tempo

irreversível. O outro fator, tão importante quanto o primeiro, foi o de finalmente oferecer à Sofia o seu presente de aniversário, pois ela me acompanhou nesta viagem de retorno à Dublin em maio de 2010, quase dois anos depois de seu 15º aniversário. Juntas nós realizamos as fotografias das águas do rio. Foram seis dias intensos de caminhada ao longo do Liffey, desde sua foz junto ao Mar da Irlanda até a sua primeira represa, em uma cidadezinha próxima. Esta tarefa não foi nada fácil, visto que o número de gerúndios me impedia de cuidar a boa perspectiva, o enquadramento ou a luz da fotografia. Além de não haver tempo para estes procedimentos, não havia para mim a lógica da imagem ideal feita para cartões-postais. O que havia mesmo era a intenção de incluir o que há de fluido nas águas do rio e de fluxos na literatura de Joyce. Criei um arquivo de águas, nos mais diversos ângulos e contextos, na maioria das vezes urbano mas ocasionalmente mais rural, onde as águas ora eram turvas, ora cristalinas, em dias azuis ou dias nublados e chuvosos. Tempo é, de fato, a palavra-chave deste trabalho. Vivemos uma profunda vertigem ao nos lançarmos à deriva no Liffey. Este foi um importante e essencial deslocamento. Agora, quanto à associação do gerúndio à imagem, esta é totalmente aleatória. Não há escolha possível. Solicitei ao profissional responsável pelo projeto gráfico que acionasse um programa de computador que fosse colocando os verbos sem sua intervenção. Eu não gostaria que o gerúndio viesse a cumprir a função de legenda nem que a imagem se tornasse ilustração do verbo. Mesmo que em algumas vezes possa parecer que houve indução, é preciso confiar em minha aposta no acaso.

(imagem 9)

Este breve relato me ajuda a estabelecer o seguinte: iniciada a leitura do livro, a obra já estava em processo, mas ainda em estado de esboço, seguindo um rumo incerto. Foi criado um método para a leitura, tendo sido eleitos os materiais constituintes do trabalho: garrafas, rolhas e cartões-postais, todos eles em mesmo número de verbos no gerúndio, em sua contabilidade final: 4311 e uma vida acontecendo.

¹ DUBLING é uma instalação que tem como eixo central a aproximação entre as artes visuais e a literatura, inserindo-se na pesquisa que venho realizando junto ao PPGAV-UFRGS, com apoio do CNPq, sob o título “*Parte escrita: textos de artistas e a presença da palavra em produções de arte contemporânea*”. Este projeto foi contemplado como prêmio “Grants & Comissions Program” e passa a fazer parte da Coleção CIFO – Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami.

² JOYCE, James. Ulisses. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. RJ, Objetiva, 2005

³ DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Tradução de Paulo Neves. SP, Editora 34, 1998, p.29.

⁴ 9th International Conference of the Utopian Studies Society "*Bridges to Utopia*."

⁵ JOYCE, James. Retrato do artista quando jovem. Tradução de José Geraldo Vieira. RJ, Civilização Brasileira, 2007.

⁶ Nesta data estaríamos participando do 10th International Conference of the Utopian Studies Society / Europe *Far Other Worlds and Other Seas*

⁷ "So, This is Dyoublong?" Cf.: JOYCE, James. *Finnegans Wake – Finnicus Revém*. Livro 1. Tradução de: Donaldo Schüler. São Paulo: Atelier Editorial, 1999, p. 51. O termo DUBLÍNGUA está comentado por Donaldo na página 116 deste mesmo volume: "Então, esta é a Dublíngua? (So This is Dyoublong?) Pergunta admirativa de quem visita uma cidade. O espanto cai sobre a cidade textualizada e sobre a linguagem, ambas estranhas. Não vem do narrador. O texto se destacou dele. Não vem de alguma das personagens. Elas se dissolvem. Enunciador não há. Vem de todos. Vem do narrador diante do texto em que Dublin se textualizou. *Dyoublong, dyo, doubling, oblong, langue*. Dublin duplicada, geograficamente oblonga. O que era familiar torna-se estranho".

⁸ Ibid., p.116.

⁹ Tradução de Donaldo Schüler, não publicada

¹⁰ "Ce sont les regardeurs qui font les tableaux" . Célebre frase de Marcel Duchamp, escrita em uma de suas anotações que compõem a "Boîte Verte", caixa que reúne diversas anotações do artista durante a realização de sua obra "La mariée mise à nu par ses célibataires, même" Esta anotação data de 1914. Conferir em: dadasurr.blogspot.com/2010/03/marcel-duchamp-iii.html

¹¹ "Homem e mulher, Amor, o que é isto? Uma rolha e uma garrafa."

¹² O trabalho realizado a partir da leitura de Proust chama-se "Vous êtes ici" e o procedimento foi o de carimbar todas as palavras TEMPS do romance com a logomarca da rede de transporte urbana da cidade de Paris RATP que indica, em diversos mapas urbanos, a localização do transeunte distraído e desejoso de se re-situar no plano urbanístico. Este trabalho foi realizado em Paris e dedicado a minha filha Alice quando ela completou 15 anos.

Referências bibliográficas:

DERRIDA, Jacques. *Ulysse gramophone – Deux mots pour Joyce*. Paris: Ed. Galilée, 1987.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Tradução de Paulo Neves. SP, Editora 34, 1998,

JOYCE, James. *Finnegans Wake – Finnicus Revém*. Livro 1. Tradução de: Donaldo Schüler. São Paulo: Atelier Editorial, 1999.

JOYCE, James. Retrato do artista quando jovem. Tradução de José Geraldo Vieira. RJ, Civilização Brasileira, 2007.

JOYCE, James. Ulisses. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. RJ, Objetiva, 2005.

JOYCE, James. Ulysses. London, Penguin Modern Classics, 2000.

